

a nova técnica e o novo estilo de trabalho

por CARLOS SERRA

Para compreendermos um fenómeno devemos encará-lo face a face, quere dizer, na dialéctica do seu desenvolvimento.

Assim, o extraordinário progresso técnico dos nossos dias não teria sentido se não se fósse analisar a sua determinante decisiva. (1) A nova técnica resultou duma larga elaboração histórica. A sua origem deve ir buscar-se à invenção do vapor e da electricidade.

A invenção do vapor data do sec. 17, dos trabalhos de PAPIN, mas só se tornou realidade prática no final do sec. 18 com a construção duma verdadeira máquina motriz de uso universal realizada pelo escocês WATT. Ora as consequências foram de tal forma surpreendentes, que se deu a este facto o nome de revolução: foi a primeira revolução industrial. Porque com ela abriu-se na história a era do maquinismo e da grande indústria, desenvolveu-se a produção de forma prodigiosa, começaram a surgir ofertas ilimitadas, a diminuir as procuras, a crescer o desemprego. A história partiu-se então mais nitidamente que nunca em duas histórias.

A segunda revolução industrial, que se deu no final do sec. 19 veio ainda tornar mais saliente esta divisão. Deu-se com o aparecimento da electricidade. No verão de 1850, em Londres, um génio trasbordava de entusiasmo contando que tinha sido exposto um modelo de caminho de

ferro movido a electricidade. «Agora, disse ele, está resolvido o problema; os resultados serão incalculáveis. A modificação económica será necessariamente seguida duma política, visto que esta terá de exprimir aquela». No dia seguinte foi a Regent Street ver o modelo da máquina «esse moderno cavalo de Troia que o mundo velho introduziu alegre e solenemente» dentro da sua fortaleza, «trabalhando para a sua própria perda com tanta cegueira como os antigos troianos e troianas...»

Mas em 1850 o problema prático da electricidade ainda não estava resolvido. Era preciso que fosse produzida a preço baixo, o que foi realizado por GRAMME etc., e além disso era necessário transportá-la a distância, o que foi obtido por DEPRESZ por meio dum simples fio telegráfico.

A centelha eléctrica, «destronando sua magestade o vapor» «confiou ao homem um poder decuplicado, reservas de energia inexgotáveis», «as quais colocando-o deante do enorme acréscimo da produção, começaram a por-lhe impiedosamente cada dia não só na indústria mas também na agricultura, problemas de organização e de controle, insoluveis para ele sem uma transformação completa da sociedade».

A produção em escala nunca atingida e a distribuição abundante dos produtos apenas por algumas centenas de consumidores incapazes de consumir tais excessos, trouxe para o centro da vida o que de mais irracional pode conceber-se: a crise de superprodução, uma imensa e esquisita crise em que há crise porque há bens de mais...

Construindo casas higiénicas, aumentando a produção agrícola rasgando a terra com poderosos tractores, criando animais de forma mais racional, trabalhando novos modelos de combolos, de automóveis, de aviões... a maioria dos homens agoniza de maneira trágica precisamente à beira dessa pirâmide cada vez mais alta dos resultados do seu esforço. Por isso diante desta ruptura, não pode falar-se na luta do homem. Não há um, há dois homens: O velho, o das «famílias escolhidas», do lucro...; o novo, o da justiça, da civilização, da ciência, do progresso...

Como disse um escritor francês, o primeiro tem todo o interesse em se agarrar às formas; para o segundo todos os seus interesses e todas as suas aspirações o levam a ligar-se às forças. Ou por outras palavras: aquele é o que tem tudo a perder; este o que tem tudo a ganhar.

Desta divisão do mundo resultam duas atitudes, dois estilos de trabalho completamente antagonicos.

O homem do passado, assenta o seu estilo de trabalho, numa separação indispensável ao seu lucro entre a teoria e a prática, entre o trabalho intelectual e o manual, com a absoluta desculpa de que os contactos entre o «espírito» e a «matéria» são impudicos.

O homem novo procura realizar o seu estilo numa síntese entre as explicações que o homem dá dos fenómenos e a aplicação dessas explicações. Esta sua atitude traduz-se numa direcção mais adequada das forças da natureza e num aumento extraordinário da sua sensação de plenitude vital.

A teoria e a prática unem-se no estilo de trabalho do homem do sec. 20. As teorias nunca mais serão desinteressadas. Para o futuro elas procurarão sempre dirigir-se para o seu sentido humano. Chamar-lhes desinteressadas é afirmar que o interesse é uma busca de dinheiro. Ora a função das teorias científicas se não é a aquisição de 70 contos por mês também não pode ser a de delectar a «pureza» de intelectuais que perdem tempo a sorrir ironicamente... O papel das teorias é o grande papel interessado de fazer progredir a sociedade.

A atitude do homem de hoje é, pois, mais teórica porque mais esclarecida e mais prática porque mais organizada.

O estilo de trabalho deste novo homem que tem direito a apresentar-se como representante do progresso do sec. 20, é afinal o novo método que o homem descobriu para adiantar o seu progresso.

Estendendo-se pelos lugares mais afastados da civilização, a electricidade é uma energia que vai colocando por toda a parte os homens na necessidade de trabalharem de modo diferente. Exige um trabalho manual e intelectual irmanados e requiere uma preocupação prática como a dos americanos, mas iluminada por um caloroso élan transformador.

(1) Para se ver com toda a clareza este problema e muitos outros que lhe estão ligados deverá ler-se entre outras obras a admirável «História das ideias de 1895 a 1935» de GEORGES FRIEDLMANN. Intitula-se LA CRISE DU PROGRÈS, Gallimard, Paris, N. R. F., 1936.

DOCUMENTOS

(Continuação da página anterior)

pesar e meter óleos ou outros líquidos em bidons de 5 quilos (produção de 11 bidons por minuto).

—Máquina automática para pesar, empacotar produtos em grão, em pó (produção de 25 pacotes por minuto).

—Máquina automática para moldar e envolver de estanho porções de queijo, quadrados ou redondos, etc.

—Máquina automática de grande produção para imprimir papel envolvente do queijos suíços (150 tubos por minuto).

—Máquinas para descascar e descascar cerejas (produção: 1 vagão em 16 horas).

—Máquinas permitindo cortar, moldar e imprimir a três cores, caixas de cartão.

Etc., etc.



gravura de ARES